

Navigare necesse est.

**De Magalhães a Vespúcio:
três navegadores reinventados por Stefan Zweig***

Maria de Fátima Gil

Universidade de Coimbra / CIEG

Começo com uma afirmação que há muito se tornou um lugar-comum dos Estudos Literários: a linguagem que nos rodeia e que nos ajuda a construir o mundo assenta numa dinâmica plural de dialogicidade e está inapelavelmente pejada de citações (Bachtin 1981; Kristeva 1972). Valemo-nos da citação para, no nosso tempo – em realidades sociais, políticas, morais e económicas que são diversas dos contextos nos quais se registaram, inicialmente, os vocábulos, os textos ou as imagens a que recorreremos –, dizer aquilo que, afinal, já antes foi dito por outros. Em contrapartida, os vocábulos, os textos ou as imagens de que nos servimos transformam-se e ganham uma qualidade nova pelo simples acto da nossa recodificação.

Jogamos este jogo de intertextualidade com prazer, por gosto na (re)criação ou por necessidade de legitimação, lançando para o Outro que nos ouve e lê um desafio ou um arco de comunhão intelectual. O repto, naturalmente, pode ou não ser aceite. Como sublinha o crítico Laurent Jenny a respeito dos fenómenos intertextuais na literatura:

Cada referência intertextual é o lugar de uma alternativa: ou prosseguir a leitura, vendo apenas no texto um fragmento como qualquer outro, que faz parte integrante da sintagmática do texto –

* O presente trabalho integra-se no Projecto de Investigação coordenado pela Prof.^a Doutora Maria Manuela Delille, sob o título “Relações Literárias e Culturais Luso-Alemãs. Estudos de Recepção e Hermenêutica Intercultural”, do Centro de Investigação em Estudos Germanísticos (CIEG), uma unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010) do III Quadro Comunitário de Apoio (QCA III).

ou então voltar ao texto-origem, procedendo a uma espécie de anamnese intelectual em que a referência intertextual aparece como um elemento paradigmático “deslocado” e originário duma sintagmática esquecida. (Jenny 1979, 21)

A vida actual, multipolar e heteroglota, expande cada vez mais os campos em que podemos colher tais citações. Mas até nesta era da pós-modernidade, marcada pela circulação e negociação das energias sociais e dos respectivos códigos (Greenblatt 1988), continua a ser a Arte a fonte do maior número de referências. Dos mitos da Antiguidade Clássica aos dramas de William Shakespeare, da *Gioconda* de Leonardo da Vinci à lata de sopa de tomate de Andy Warhol, do aforismo do Príncipe de Salinas sobre a mudança – em Lampedusa e Visconti – à saga interplanetária *Star Wars* de George Lucas, a Arte – seja ela maior ou menor, erudita ou *pop* – tem fornecido à cultura ocidental a grande maioria dos motivos e das figuras, das frases marcantes e das representações iconográficas que ajudam a formular a complexidade do mundo numa verdadeira metalinguagem de evocações.

Navigare necesse est é uma dessas frases, ou melhor, parte de uma dessas frases. Trata-se da célebre máxima *navigare necesse est, vivere non est necesse*, que, conforme já referiu a especialista pessoana Maria Aliete Galhoz a propósito do *Livro do Desassossego*, Plutarco pôs na boca do general romano Pompeu nas suas *Vidas Paralelas*.¹ Com tal enunciado, o biógrafo pretendia exaltar a vontade férrea do insigne comandante: decidido a levar a Roma, então assolada pela fome, o trigo recolhido em vários portos mediterrânicos, Pompeu ordenou que os navios se fizessem ao mar apesar de uma forte tempestade, que tolhia os marinheiros de pavor. A frota acabou por chegar à capital do Império em segurança, ajudando a debelar a crise, e o aforismo do guerreiro romano imortalizou-se como uma verdadeira filosofia de vida. Na forma dicotómica em que Plutarco moldou a proposição, *viver* mais não significa do que satisfazer as necessidades triviais do dia-a-dia e passar pelo mundo sem deixar marca, enquanto *navegar* implica iniciar uma viagem – denotativa ou conotativamente – e estar disposto a enfrentar os obstáculos da jornada, que nos tornam conscientes da nossa força, como indivíduos e como espécie. *Navegar* pressupõe, no fundo, correr os riscos que dão acuidade e sentido à existência humana.

¹ A informação é explicitada na nota ao Trecho 124 do *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares/Fernando Pessoa, na terceira edição da obra, publicada pela editora Assírio e Alvim em 2005.

Ao longo dos tempos, esta expressão de ousadia conservou-se no discurso literário da cultura ocidental. No século XX, serviram-se dela, por exemplo, dois autores indelevelmente inscritos na memória cultural da língua portuguesa: o poeta Fernando Pessoa, como vimos, e ainda o cantautor Caetano Veloso. O primeiro emprega tal aforismo não apenas no já referido *Livro do Desassossego*, mas também nos escritos dispersos, designadamente num trecho de prosa poética que começa com a observação “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa”. Aí, Pessoa cita as palavras de Pompeu para as transformar na fórmula “Viver não é necessário; o que é necessário é criar” e eleva depois tal asserção a desígnio do eu lírico, abraçado em prol da Pátria e da Humanidade, mesmo se com dano pessoal (Pessoa 2003, 104-105). Quanto a Caetano Veloso, utiliza a frase como refrão do fado “Os Argonautas”, que integra o *Álbum Branco*, editado à época da prisão do autor pelo regime militar brasileiro. Na conturbada realidade política do Brasil de 1969, reafirmava-se nesse fado a concepção temerária de Pompeu, colocando acima do fluir banal dos dias a disposição para arriscar a própria vida no prosseguimento de uma ideia em que se acredita.

Nesta linha de apropriação se situa também o escritor austríaco Stefan Zweig quando, em 1937, intitula “*Navigare necesse est*” o capítulo introdutório da biografia *Magellan. Der Mann und seine Tat*.² Ao contrário dos autores de língua portuguesa acima mencionados, Zweig adota apenas o primeiro segmento do axioma, pois no fenómeno de intertextualidade, como bem lembra Laurent Jenny,

[b]asta uma alusão para introduzir no texto centralizador um sentido, uma representação, uma história, um conjunto ideológico, sem ser preciso falá-los. O texto de origem lá está, virtualmente presente, portador de todo o seu sentido, sem que seja necessário enunciá-lo. (Jenny 1979, 22)

Zweig aproveita a expressão no enquadramento semântico original – as navegações –, para a aplicar à linhagem de bravos homens do mar e de eruditos cosmógrafos que tornaram possível a era dos Descobrimentos. Nesse capítulo inicial da narração biográfica, a voz autoral traça uma panorâmica da primeira fase das Descobertas, mostrando como o móbil económico, que desencadeou todo o processo, acabou por trazer à Humanidade ganhos de outra natureza. Assim, os Descobrimentos

² A partir daqui identificarei com a palavra *Magellan* as citações do original zweiguiano e com a palavra *Magalhães* as respectivas traduções, colhidas na mais recente versão portuguesa – *Magalhães. O Homem e o seu Feito* –, da responsabilidade de Gabriela Fragoso (2007).

não terão permitido apenas chegar à Índia e às tão desejadas especiarias: a demanda corajosa e continuada ter-se-á justificado principalmente por desafiar os mitos do oceano, afastar os medos do mar e alargar a nossa dimensão do mundo.

Do ponto de vista da instância discursiva, o papel dos portugueses em tamanha aventura foi essencial, e, por esse motivo, não obstante serem indicados navegadores de outras nacionalidades (como Colombo, ao serviço de Espanha, ou um dos Cabot, ao serviço da Inglaterra), o capítulo centra-se na acção pioneira dos nautas lusos. Dos progressos na construção naval à paciente recolha e sistematização de informações geográficas, dos avanços nos instrumentos de marear à transformação das mentalidades medievais, das primeiras viagens de Gil Eanes, Diogo Cão ou Bartolomeu Dias à expedição triunfal de Vasco da Gama, o biógrafo realça os feitos que, em seu entender, ajudaram Portugal a suplantar-se a si próprio nessa tarefa de revelação do universo. A sua apreciação global regressa à fórmula de Pompeu para caracterizar os audazes:

Jede neue geglückte Fahrt macht die Seefahrer verwegener, plötzlich ist eine Generation von jungen Menschen zur Stelle, denen das Abenteuer mehr gilt als das Leben. “Navigare necesse est, vivere non est necesse” – der alte Seemannspruch hat wieder Gewalt bekommen über die Seelen. Und wo immer eine neue Generation geschlossen und entschlossen am Werke ist, verwandelt sich die Welt. (*Magellan*, 27)³

Para Zweig, o navegador que mais cabalmente encarna este espírito aventureiro e que chega mesmo a sacrificar a sua vida por um sonho, é Fernão de Magalhães. Por isso – e pelo sonho quase atingido –, o autor austríaco decidiu abordá-lo nesse tributo que constitui a já referida biografia *Magellan. Der Mann und seine Tat*.

O mareante Fernão de Magalhães imaginado por Stefan Zweig revela-se a princípio um herói muito improvável.⁴ Quando surge pela primeira vez na narrativa biográfica não passa de um mero sobresselente na empresa dos Descobrimentos – inexperiente, anónimo, sem qualquer traço físico ou psicológico que o distinga. É certo que, mais tarde, durante a formação marítima e guerreira na Índia, se evidencia

³ “A cada nova viagem bem sucedida os navegadores tornam-se mais ousados, e de repente há toda uma nova geração de jovens a postos, jovens para quem a aventura vale mais do que a vida. “Navigare necesse est, vivere non est necesse” – o velho ditado dos marinheiros tomou novamente conta das almas. E onde quer que uma nova geração ponha mãos à obra com unidade e decisão, o mundo transforma-se.” (*Magalhães*, 28)

⁴ A análise da figura de Magalhães decorre da investigação que levei a cabo na minha dissertação de Doutoramento, defendida em 2005 e publicada em 2008; permito-me, por isso, retomar algumas das ideias e formulações já aí enunciadas.

pelas qualidades de intrepidez, inteligência, determinação e lealdade. Estas características, porém, típicas dos heróis, não se reflectem na esperada imagem exterior do biografado. Pelo contrário, a compleição da figura impugna os esquemas de pensamento dos leitores, baseados na crença de que a uma elevada dimensão moral ou espiritual corresponderá necessariamente uma aparência donairoza, amável e insinuante. Zweig, com efeito, embora ilustre *Magellan. Der Mann und seine Tat* com três diferentes retratos do nauta, escolhe aquele que menos o favorece, para propor um Magalhães atarracado, sério e sombrio, envolto numa aura enigmática, que desperta hostilidade à sua volta. Ora, na concepção psicológica que preside à construção dos heróis zweiguianos, os traços físicos são simultaneamente efeito e causa das respectivas disposições anímicas. Nesse sentido, o mundo interior de Magalhães, denso e indecifrável, determina o aspecto exterior, glacial e austero, e este, por sua vez, aumenta o segredo profundo que parece dominar a figura.

O segredo de Magalhães, no texto zweiguiano, reside sobretudo na forma, ao mesmo tempo racional e apaixonada, com que ele leva teimosamente por diante os planos mais temerários. Essa “Mischung von Phantasie und Vorsicht” (*Magellan*, 169) [mistura de fantasia e de prudência (*Magalhães*, 161)] que Magalhães põe em prática, no dizer do biógrafo, “mit der Inbrunst eines Fanatikers, mit der Zähigkeit eines Bauern und der Leidenschaft eines Spielers” (*Magellan*, 143) [com o ardor de um fanático, com a tenacidade de um camponês e com a paixão de um jogador (*Magalhães*, 136)], está presente em todos os momentos fulcrais da sua vida. Revela-se na audiência com o rei D. Manuel – que lhe deixa o caminho aberto para abandonar Portugal –; mostra-se no encontro com o rei D. Carlos I de Espanha – que se entusiasma com o projecto de chegar às Molucas por Ocidente e confia uma frota ao navegador –; evidencia-se na tarefa de preparar minuciosamente a empresa e executá-la com rigor e severidade, a despeito de todas as dificuldades; traduz-se na energia inabalável com que o nauta desafia a Natureza, tanto na passagem do Estreito como na travessia do Pacífico; verte-se, por fim, à chegada às Filipinas, na imagem majestosa e magnânima de emissário do poder colonial espanhol. Aqui, o Magalhães zweiguiano constrói-se como figura que, ao contrário de outros *conquistadores* da época, trata os indígenas de modo humano e tolerante, honrando os acordos que fez com eles. Mas o capitão-general nunca questiona a convicção na superioridade da Europa que representa. A morte do descobridor ocorre precisamente quando ele,

segundo a voz autoral, se deixa cegar pela ideia da infalibilidade dos espanhóis e fica obcecado em garantir o domínio colonial do território. Nessa altura, Magalhães abandona o seu comportamento humanista e perde a vida numa escaramuça contra os nativos de uma ilha rebelde.

Tal como sucede neste momento da acção, o biógrafo zweiguiano fora sempre entretecendo posições críticas no texto, para apontar os traços menos positivos da personagem. À luz dos preceitos da chamada biografia “moderna” dos anos 20 e 30, que Zweig seguia, o olhar sobre as figuras devia ser rigoroso e desmistificador, não elidindo, como acontecia até aí nas biografias tradicionais, os aspectos dissonantes dos biografados.⁵ Por esse motivo, o texto zweiguiano não deixava de assinalar e comentar os lados mais negros do protagonista. Mas nem por isso renunciava à grandeza de Magalhães: na narrativa, o nauta surge como indivíduo que se entrega incondicionalmente ao serviço de uma ideia, não temendo arrostar o exílio e a acusação de traição, não recuando perante os obstáculos que os homens e a Natureza lhe colocavam e legando à Humanidade, com o seu feito, um conhecimento que a modifica e enriquece para sempre. Magalhães avoluma-se, na biografia zweiguiana, mesmo como herói trágico: ganha a dimensão de um génio que sucumbe injustamente e sem glória na execução do seu único erro, e que a História, durante muitos anos, remeterá ao esquecimento. Todavia, as próprias conquistas da viagem – *i.e.*, a façanha inaudita da circum-navegação, a medida do planeta, a descoberta das Filipinas e a afirmação da eficácia da acção individual – fazem do nauta, aos olhos do biógrafo, um modelo positivo, apesar de todas as imperfeições. De mais a mais, num tempo tão conturbado como eram os anos 30 do século XX, inelutavelmente marcados pela barbárie nazi, Magalhães demonstrava a validade dos princípios civilizacionais europeus, ao concretizar um acto pacífico de descoberta, idealisticamente apresentado como de contacto humano e exemplar com outros povos. Em suma, dentro deste espírito, o improvável herói Fernão de Magalhães constituía, para Zweig, a confirmação de que, em todos os tempos e por todas as razões, ousar é preciso: *navigare necesse est*.

⁵ Sobre as características da biografia “moderna” veja-se Romein 1948; Scheuer 1979a, 1979b e 1979c; Gil 2008. Jan Romein exalta as biografias dos anos 20 e 30 como modernas exactamente pela perspectiva crítica com que abordam as suas figuras. Helmut Scheuer, porém, encara a alegada modernidade com cepticismo, porque a grande maioria dessas biografias continua a recorrer a estratégias narrativas características do século XIX. Por isso Scheuer aplica o adjectivo *moderna* sempre entre aspas, num procedimento distanciador que eu também utilizo.

Magalhães não foi, porém, o único navegador distinguido com uma obra mais extensa na ficção histórica zweiguiana. A edição ampliada do volume *Sternstunden der Menschheit* (1943) inclui uma miniatura histórica redigida em 1940 sobre o descobridor Vasco Nuñez de Balboa – o primeiro europeu a avistar o Mar do Sul.

Desenhado a traço grosso, porque a dimensão das miniaturas históricas não permite os complexos matizes de uma biografia, Nuñez de Balboa começa por ser, no texto “Flucht in die Unsterblichkeit” (Zweig 2001, 9-35), um boémio de má fama, astucioso e destemido, que convive com Pizarro e se mostra, como ele, capaz das maiores atrocidades para chegar às riquezas do Eldorado. Afastando-se, neste particular, do lado humano que Zweig sublinha em Magalhães, Nuñez de Balboa vem a revelar-se, todavia, de maneira análoga ao português, um herói que contribui para o avanço da Humanidade. Inteirado, por um cacique da terra, da existência de um mar a poucos dias de distância, o aventureiro vive a partir de então, tal como Magalhães, apenas para concretizar um sonho: o de chegar antes de qualquer outro ao novo oceano. Do mesmo modo que fará o nauta luso noutras paragens e a seu tempo, Nuñez de Balboa enceta então uma perigosa viagem, vencendo a resistência da Natureza e os ataques dos nativos no estreito do Panamá, para se tornar, literalmente e de papel passado, no dia 25 de Setembro de 1513, o primeiro espanhol a contemplar o Mar do Sul. Dois dias mais tarde, ao chegar à praia, o descobridor encenará ainda um espectáculo de grande *pathos* colonial: armado e com o estandarte de Castela na mão, caminhará pelas águas adentro para, solenemente, em nome dos reis Fernando e Joana, tomar posse do novo mar.

Nuñez de Balboa terá um fim inglório poucos meses depois, traído pelas maquinações do governador da colónia, e acabará ainda mais esquecido pela História do que Magalhães. Segundo o narrador, porém – e à semelhança do navegador português –, o temerário castelhano marcará para sempre a evolução da Humanidade, porque a sua ousadia permitiu mostrar aos homens uma fracção ainda desconhecida do mundo que habitavam.

Um ano após escrever esta miniatura histórica, Zweig dedicou uma biografia a outro navegador, que já tinha sido referido no capítulo preambular de *Magellan. Der Mann und seine Tat*: o florentino Vespúcio, que deu nome à América.⁶

A opção por Américo Vespúcio, nesta linha de heróis, não deixa de nos causar estranheza. É certo que Zweig passou grande parte do ano de 1941 nos Estados Unidos, hesitante entre fixar-se em Nova Iorque ou mudar-se definitivamente para o Brasil, e este texto biográfico pode ser entendido como uma forma de o escritor austríaco apostar mais claramente no mercado norte-americano. Mas a surpresa mantém-se: o que faz, ao lado de duas figuras essencialmente positivas como Magalhães e Nuñez de Balboa, uma personagem de quem se diz ter arrebatado, em proveito próprio, a glória de outrem? Recordo que Vespúcio terá realizado, quer sob estandarte espanhol, quer sob estandarte português, diversas viagens marítimas para Ocidente, em número e data que até hoje a historiografia não conseguiu apurar. As cartas vespucianas que davam nota dessas viagens tinham incorrecções e contradições várias, mas isso não impediu que a sua divulgação projectasse Vespúcio internacionalmente como grande navegador, geógrafo e humanista. A atribuição do nome deste antigo feitor dos Medici às terras descobertas do outro lado do Atlântico acabaria, contudo, por gerar enorme polémica e Vespúcio nunca se livraria da acusação de ter contribuído activamente para a injustiça feita a Colombo.

Ora o texto de Zweig, vindo a lume em 1942, em língua inglesa, intitulava-se *Amerigo. A Comedy of Errors in History*. Com efeito, mais do que apresentar o percurso biográfico de Vespúcio, Zweig procurava cartografar a maneira como se foi tecendo o enredo da designação do novo mundo e, bem assim, a forma como essa comédia de enganar determinou a construção da personagem na cultura ocidental. Quer isto dizer que *Amerigo* se coloca perante as convenções da biografia tradicional numa posição ainda mais dissentânea do que *Magellan. Der Mann und seine Tat*. Ambas as biografias podem ser consideradas precursoras do tipo de texto a que o narratólogo Ansgar Nünning, designando uma parte da produção biográfica assumidamente crítica já da segunda metade do século XX, chama biografia

⁶ À semelhança do que fiz com *Magellan. Der Mann und seine Tat*, indicarei a partir de agora as citações desta biografia com as palavras *Amerigo*, para a versão original, e *Américo*, para a tradução portuguesa, da responsabilidade de José Francisco dos Santos (1942).

reviscionista (Nünning 2000, 20).⁷ No que toca a *Magellan. Der Mann und seine Tat*, é sobretudo a visão psicologizante, problematizadora e desmistificadora da biografia “moderna” que aproxima o texto da biografia revisionista. No que diz respeito a *Amerigo*, a antecipação desse tipo de biografia não está tanto na caracterização do protagonista, mas antes na estruturação narrativa, *i.e.*, na questionação da identidade e na descentragem do indivíduo em benefício de um estudo da recepção da figura até aos nossos dias.⁸

No texto zweiguiano sobre Vespúcio, a história começa em 1504, com a divulgação de uma carta do navegador, em latim, subordinada ao título *Mundus Novus*. Esse relato de viagem, que alcançou enorme ressonância na Europa, chamava, pela primeira vez, às terras descobertas, uma nova parte do mundo, um novo continente, em vez de as considerar os contrafortes da China e do Japão a que Colombo acreditava ter chegado. Anos mais tarde, em 1507, a publicação de uma antologia de relatos sobre os Descobrimentos, que um editor de Veneza subsumiu ao título *Mondo novo e paesi nuovamente ritrovati da Alberico Vesputio florentino*, vem a constituir, para o biógrafo, o início da “große Komödie der Irrungen” (*Amerigo*, 39) [grande comédia dos enganamentos (*Américo*, 48)], pois induzia os leitores a pensar ter sido Vespúcio o descobridor das terras a Ocidente. Nesse mesmo ano de 1507, o geógrafo alemão Martin Waldseemüller publicava a sua versão corrigida e actualizada da *Cosmographia* de Ptolomeu e, segundo o biógrafo, aumentava a confusão em torno de Vespúcio: Waldseemüller sugeria que se baptizassem as novas terras em homenagem a quem as havia descoberto e desenhava no mapa correspondente o nome de *América*. A partir daí, a palavra ganharia força e a fama de Vespúcio tornar-se-ia indiscutível.

De acordo com o texto biográfico, só em meados do século XVI começaram as objecções, sobretudo pela mão de Frei Bartolomé de Las Casas, que acusou Vespúcio de fraude e de ter prejudicado Colombo. A sorte do florentino mudou nessa altura e ao

⁷ O próprio Nünning (2000, 26-27) chega a apontar Lytton Strachey como antepassado da biografia revisionista. Em meu entender, também André Maurois, Emil Ludwig e Stefan Zweig, celebrados continuadores de Strachey nos anos 20, se regiam por critérios próximos dos que o narratólogo explora nessa vertente tipológica. A saber: a questionação de modelos estabelecidos da historiografia, da herança cultural e da tradição literária; a expressão de novas concepções individuais ou colectivas da História; o uso da interpretação psicológica como instrumento de avaliação do passado; a atitude visivelmente crítica, mas com atenuação de comentários metaficcionalis ou de teoria da História para evitar a quebra da ilusão narrativa. A este propósito, veja-se também Nünning 2002, 557-559.

⁸ Note-se que este seria o método adoptado muitos anos depois por Jacques Le Goff, na sua obra sobre o rei Luís IX de França (*Saint Louis*, 1996), como caminho para a renovação do género biográfico na transição do século XX para o século XXI.

longo do século XVII desenvolveu-se dele uma imagem profundamente negativa. O século XVIII, por seu turno, terá procurado desfazer as dúvidas sobre o carácter de Vespúcio; para a voz autoral, contudo, os documentos que esse tempo proto-científico foi exumando mostravam-se confusos e contraditórios, incapazes de resolver o enigma. O século XX, por fim, pela mão do académico Alberto Magnaghi, avançaria uma tese que o biógrafo considera convincente: as obras de Vespúcio basear-se-iam em factos reais, mas, numa época que não conhecia a propriedade intelectual, teriam sido escritas por outrem e publicadas sem o seu aval.⁹

A adesão a esta ideia modifica a imagem contraditória de Vespúcio que se fora desenhando ao longo do texto. O último capítulo, significativamente intitulado “*Wer war Vespucci?*” (*Amerigo*, 87), coloca finalmente a interrogação de que costumam partir os biógrafos, para que a instância narrativa – recorrendo a argumentos psicológicos e a princípios de analogia e de plausibilidade – possa apresentar a figura com a (alegada) transparência a que aspiram as biografias convencionais. Vespúcio, afinal, não passaria de uma vítima. Mercador respeitado na cidade de Sevilha, aventurara-se tardiamente no mar, mas ganhara a experiência e os conhecimentos náuticos que acabariam por levá-lo ao cargo de piloto-mor da *Casa de Contratación* e coadjuvante de muitos empreendimentos marítimos. Homem de honra, que não tivera qualquer intervenção no baptismo da América e que Colombo não considerava seu inimigo, Vespúcio fora apenas mais um navegador como tantos outros e um epistológrafo accidental, cujas informações tinham sido abusivamente deturpadas e publicadas.

Voltemos agora à surpresa de há pouco: porque teria Stefan Zweig dedicado a Américo Vespúcio tanta atenção como a Nuñez de Balboa e a Magalhães?

Um dos especialistas da obra zweiguiana, o crítico Joseph Strelka (1981, 134), reforça até a nossa estranheza ao sublinhar que o autor austríaco sempre apresentara a tragédia de vidas marcadas pela injustiça – vidas prejudicadas ou esquecidas pela História –, ao passo que, com Vespúcio, parecia inverter totalmente essa opção. O estudioso defende, contudo, que também aqui Zweig estaria a tentar repor a verdade, mostrando a inocência de Américo Vespúcio em relação à série de confusões

⁹ O texto zweiguiano refere-se à teoria exposta por Alberto Magnaghi na obra que publicou em Roma, em 1926, sob o título *Amerigo Vespucci. Studio critico con speciale riguardo ad una nuova valutazione delle fonti, accompagnato dai documenti non ancora pubblicati del Codice Vaglianti*.

históricas que acabariam por culminar no nome *América*. Pela minha parte, considero acertada a tese de Strelka e julgo mesmo que esse intuito de fazer justiça não se esgota na tentativa de ilibar a figura: evidencia-se igualmente no facto de o navegador poder ser reputado um daqueles heróis da cultura que Zweig defendia nos seus textos de reflexão teórica.¹⁰ Colombo fez História porque achou terras do outro lado do Atlântico, mas Vespúcio fez História porque as divulgou como um novo continente. E, no dizer do biógrafo, o acto de divulgar a verdade pode ter até mais importância do que o acto de encontrar a verdade:

[Vespuccis] Name ist nicht mehr zu löschen aus dem glorreichsten Buch der Menschheit, und vielleicht am besten ist seine Leistung innerhalb der Erkenntnisgeschichte unserer Welt umschrieben mit dem Paradox, daß Columbus Amerika entdeckt, aber nicht erkannt hat, Vespucci es nicht entdeckt, aber als erster als Amerika, als einen neuen Kontinent erkannt. Dies eine Verdienst bleibt an sein Leben, seinen Namen gebunden. Denn nie entscheidet die Tat allein, sondern erst ihre Erkenntnis und ihre Wirkung. Der sie erzählt und erklärt, kann der Nachwelt oft bedeutsamer sein als der sie geschaffen, und im unberechenbaren Kräftespiel der Geschichte vermag oft der kleinste Anstoß die ungeheuersten Wirkungen auszulösen. (*Amerigo*, 108-109)¹¹

A concepção que Zweig tinha da História poderá ter sido um outro motivo para o interesse do autor na causa de Vespúcio e, por acréscimo, para a articulação que aqui faço entre esta personagem, a de Nuñez de Balboa e a de Magalhães.

Desde as suas primeiras tomadas de posição no subcampo da literatura de natureza histórica,¹² Zweig personificava a História como figura de artista, como grande dramaturga, capaz de compor os factos com lampejos de imaginação e com uma maestria formal que ultrapassava a pobre capacidade humana. Ora, para mostrar

¹⁰ Sobretudo em “Die Moralische Entgiftung Europas” (1932), “Geschichtsschreibung von morgen” (1939) e “Die Geschichte als Dichterin” (1939). Sobre as ideias explanadas nestes textos, veja-se Gil 2008, 174-181.

¹¹ “O seu nome já não se pode apagar do livro glorioso da Humanidade e talvez que os seus feitos sejam, no melhor dos casos, inscritos na história do descobrimento do nosso mundo, com o paradoxo de que Colombo descobriu a América, mas não a conheceu, ao passo que Vespúcio não a descobriu, mas foi o primeiro a conhecê-la como América, como um novo continente. Este mérito único fica ligado à sua vida, ao seu nome. Porque o facto nunca decide só por si, mas só o seu conhecimento e as suas consequências são decisivos. Quem o narrar e explicar pode muitas vezes ter mais importância para a posteridade do que aquele que o realizou, e no jogo incalculável das forças da História, pode muitas vezes o menor impulso desencadear os efeitos mais desmarcados.” (*Américo*, 141)

¹² Por exemplo na introdução ao volume *Sternstunden der Menschheit*, lançado inicialmente em 1927, com apenas cinco miniaturas históricas (veja-se a edição mais recente da obra: Zweig 2001, 7-8). A este propósito, veja-se Gil 2008, 169-170.

a maneira soberana com que supostamente a História se permitia todas as formas de arte literária, nada melhor do que apresentar, depois da grande representação épica de contornos trágicos em que a História teria vertido a vida de Magalhães, e depois do acontecimento inaudito que dava estrutura novelística à biografia de Nuñez de Balboa, uma farsa, uma comédia de enganos, como aquela de que Vespúcio teria sido o protagonista. Para além disso, Zweig entendia também a História hegelianamente, considerando-a uma categoria do Espírito, uma grandeza superior aos homens, que colocava os indivíduos ao seu serviço e escolhia sempre as criaturas de que precisava para se realizar (Steiman und Heiderich 1987, 119). Assim sendo, a História, após ter preferido um quase fora-da-lei como Nuñez de Balboa para dar notícia do Mar do Sul, teria optado por um homem de excepção como Magalhães para concretizar o feito heróico da circum-navegação, e, com a mesma naturalidade, teria escolhido um homem comum como Vespúcio para dar às descobertas de Colombo o nome sonoro de *América*.

Resta concluir que Magalhães, Nuñez de Balboa e Vespúcio representam, na ficção histórica zweiguiana, variações do mesmo motivo. Não só estão unidos no sema da ousadia que subjaz à máxima *navigare necesse est*, como confirmam o lugar de destaque que o autor atribuía na sua obra aos navegadores e aventureiros, pela coragem com que ampliavam o nosso conhecimento do mundo. Por outro lado, os três homens estão também irmanados no facto de serem figuras tipicamente zweiguianas, ou seja, personalidades que fogem à noção clássica dos heróis e que a História trata com uma boa dose de injustiça. Por último, estão ainda congregados pela concepção idealista do processo histórico que caracterizava Zweig e que o levava a personificar a História optimisticamente, como força que progride para a sua consumação e cujo alcance o ser humano só compreende *a posteriori*.

Por isso, apesar de todas as diferenças, nos três casos estamos perante heróis que, em última análise, transmitem aos leitores uma mensagem de esperança: para Zweig, mesmo quando o homem não alcança o sentido do devir histórico, a História parece saber sempre para onde vai: *navigare necesse est, vivere non est necesse*.

Referências bibliográficas

- Bakhtin, Michail. 1981. *The Dialogical Imagination. Four Essays*. Edited by Michael Holquist. Translated by Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas.
- Greenblatt, Stephen. 1988. *Shakespearean Negotiations. The Circulation of Social Energy in Renaissance England*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Gil, Maria de Fátima. 2008. *Uma Biografia «Moderna» dos Anos 30. “Magellan. Der Mann und seine Tat” de Stefan Zweig*. Coimbra: MinervaCoimbra/CIEG.
- Hutcheon, Linda. 1988. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory and Fiction*. New York: Routledge.
- Hutcheon, Linda. 1989. *A Politics of Postmodernism*. New York: Routledge.
- Jenny, Laurent. 1979. A estratégia da forma. *Poétique. Revista de Teoria e Análise Literárias*, 27: *Intertextualidades*, 5-49.
- Kristeva, Julia. 1972. Wort, Dialog und Roman bei Bachtin. In *Literaturwissenschaft und Linguistik*. Bd. 3. Herausgegeben von Jens Ihwe. Frankfurt/M.: Athenäum, 345-375.
- Liotard, Jean-François. 1979. *La Condition Postmoderne: Rapport sur le Savoir*. Paris: Minuit.
- Nünning, Ansgar. 2000. Von der fiktionalen Biographie zur biographischen Metafiktion. Prolegomena zu einer Theorie, Typologie und Funktionsgeschichte eines hybriden Genres. In *Fakten und Fiktionen. Strategien fiktionalbiographischer Dichterdarstellungen in Roman, Drama und Film seit 1970*. Herausgegeben von Christian Zimmermann. Tübingen: Narr, 15-36.
- Nünning, Ansgar. 2002. Von der fiktionalisierten Historie zur metahistoriographischen Fiktion: Bausteine für eine narratologische und funktionsgeschichtliche Theorie, Typologie und Geschichte des postmodernen historischen Romans. In *Literatur und Geschichte. Ein Kompendium zu ihrem Verhältnis von der Aufklärung bis zur Gegenwart*. Herausgegeben von Daniel Fulda und Silvia S. Tschopp. Berlin und New York: de Gruyter, 541-569.
- Pessoa, Fernando. 2003. Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa. In F. P., *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição e posfácio de Richard Zenith. Lisboa: Assírio e Alvim, 104-105.
- Pessoa, Fernando. 2003. *Livro do Desassossego. Composto por Bernardo Soares, Ajudante de Guarda-Livros na Cidade de Lisboa*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio e Alvim [3. ed.].
- Romein, Jan. 1948. *Die Biographie*. Bern: Francke.
- Scheuer, Helmut. 1979a. *Biographie. Studien zur Funktion und zum Wandel einer literarischen Gattung vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart*. Stuttgart: Metzler.
- Scheuer, Helmut. 1979b. Kunst und Wissenschaft. Die moderne literarische Biographie. In *Biographie und Geschichtswissenschaft*. Herausgegeben von Grete Klingenstein, Heinrich Lutz und Gerald Stourzh. Wien: Verlag für Geschichte und Politik, 81-110.
- Scheuer, Helmut. 1979c. Historische Belletristik am Ausgang der Weimarer Republik. Emil Ludwig und Stefan Zweig. In *Geschichte in der Öffentlichkeit*. Herausgegeben von Hans Gregor Kirchhoff und Wilhelm van Kampen. Stuttgart: Klett, 172-193.
- Steiman, Lionel B. und Manfred W. Heiderich. 1987. Begegnung mit dem Schicksal: Stefan Zweigs Geschichtsvision. In *Stefan Zweig – heute*. Herausgegeben von Mark Gelber. New York u. a. O.: Lang, 101-129.

- Strelka, Joseph. 1981. *Stefan Zweig. Freier Geist der Menschlichkeit*. Wien: Österreichischer Bundesverlag.
- Veloso, Caetano. 2000. Os Argonautas. In *Caetano Veloso no Seu Melhor* (Compact Disc). Compilação Megadiscos, Sociedade de Composição Fonográfica, Lda, sob licença exclusiva de Universal Music Portugal, S.A. Também em <http://www.caetano.veloso.com.br>.
- Zweig, Stefan. 1983. *Magellan. Der Mann und seine Tat*. Frankfurt/M.: Fischer Taschenbuch (= *Magellan*).
- Zweig, Stefan. 2007. *Magalhães. O Homem e o seu Feito*. Tradução de Gabriela Fragoso. Lisboa: Assírio e Alvim (= *Magalhães*).
- Zweig, Stefan. 1989. *Amerigo. Die Geschichte eines historischen Irrtums*. Frankfurt/M.: Fischer Taschenbuch (= *Amerigo*).
- Zweig, Stefan. 1942. *Américo Vespúcio*. Tradução de José Francisco dos Santos. Porto: Livraria Civilização (= *Américo*).
- Zweig, Stefan. 2001. *Sternstunden der Menschheit. Vierzehn historische Miniaturen*. Frankfurt/M.: Fischer.